

visão de prata
série os outros / volume 3
anne bishop

Tradução de Luís Santos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Jennifer Crow

Agradecimentos

Agradeço a Blair Boone por continuar a ser o meu primeiro leitor e por toda a informação sobre animais e outros temas que absorvi e transformei para que se adequasse ao mundo dos Outros, a Debra Dixon por ser a segunda leitora e por todas as informações sobre procedimentos policiais, a Doranna Durgin por manter o website, a Adrienne Roehrich por manter a página oficial no Facebook, a Nadine Fallacaro pelas informações sobre temas clínicos, a Anne Sowards e Jennifer Jackson por todo o feedback que me ajuda a escrever uma história melhor, a Jennifer Crow pelas reuniões mensais e a alegre troca de informação sobre muitos, muitos assuntos, e a Pat Feidner pelo apoio e encorajamento.

Quero deixar um agradecimento especial as pessoas que emprestaram o nome a personagens, sabendo que o nome seria a única ligação entre a realidade e a ficção: Bobbie Barber, Elizabeth Bennefeld, Blair Boone, Douglas Burke, Starr Corcoran, Jennifer Crow, Lorna MacDonald Czarnota, Julie Czerneda, Roger Czerneda, Merri Lee Debany, Michael Debany, Mary Claire Eamer, Sarah Jane Elliott, Chris Fallacaro, Dan Fallacaro, Mike Fallacaro, Nadine Fallacaro, James Alan Gardner, Mantovani “Monty” Gay, Julie Green, Lois Gresh, Ann Hergott, Lara Herrera, Robert Herrera, Danielle Hilborn, Heather Houghton, Pamela Ireland, Lorne Kates, Allison King, Jana Paniccia, Jennifer Margaret Seely, Denby “Skip” Stowe, Ruth Stuart, and John Wulf.

Geografia

NAMID — O Mundo Continentes/Massas Terrestres (até agora)

Afrikah
Australis
Britânia/Britânia Selvagem
Cel-Romano/Aliança de Nações Cel-Romano
Felidae
Ilhas Dedosso
Ilhas da Tormenta
Thaisia
Tokhar-Chin
Zelanda

Grandes Lagos — Superior, Tala, Honon, Etu e Tahki

Outros lagos — Lagos da Pena/Lagos do Dedo

Rio — Talulah/Talulah Falls

Montanhas — Adirondack, Rochosas

Cidades ou aldeias — Ferryman's Landing, Hubb NE (ou Hubbney), Jerzy, Lakeside, Podunk, Shikago, Sparkletown, Sweetwater, Talulah Falls, Toland, Walnut Grove, Wheatfield

Dias da Semana

Dia da Terra

Dia da Lua

Dia do Sol

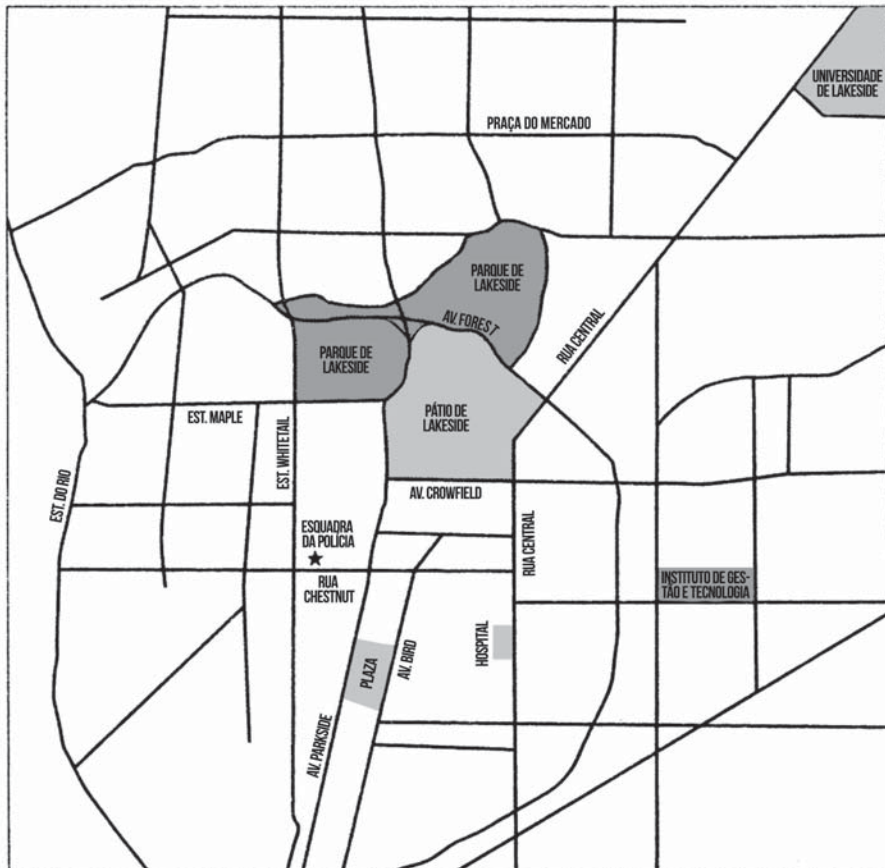
Dia do Vento

Dia de Thaís

Dia do Fogo

Dia da Água

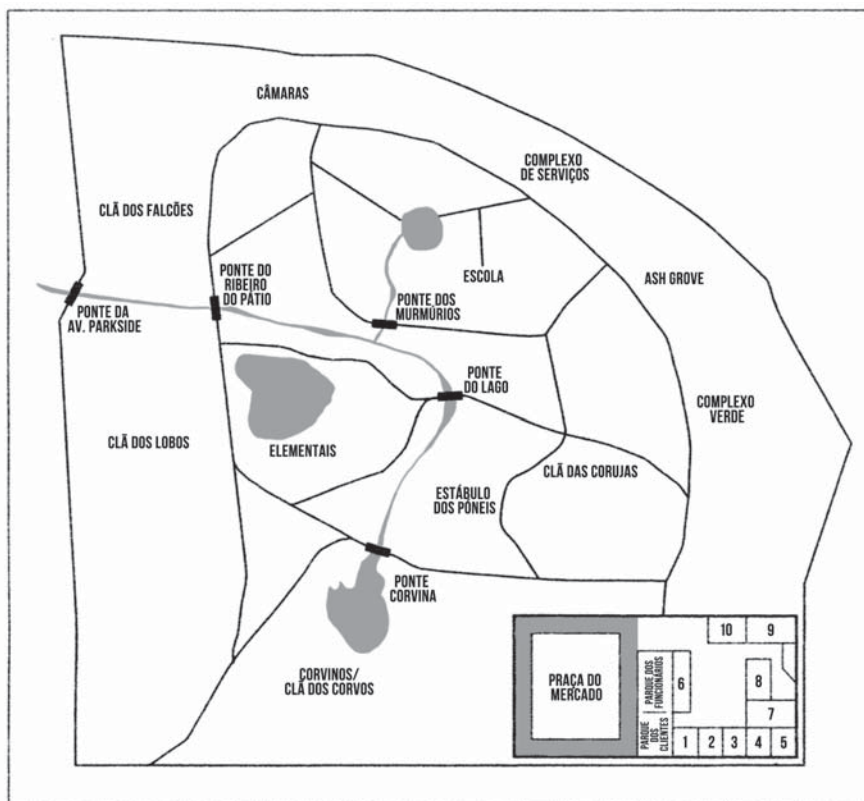
Lakeside



© 2012 Anne Bishop

Este mapa foi criado por uma autora com deficiência geográfica que apenas incluiu aquilo de que precisou para a narrativa.

Pátio de Lakeside



© 2012 Anne Bishop

1. Costureira/Alfaiate & apartamentos de serviço
2. Trincadela
3. Ler e Uivar por Mais
4. Corre & Bate
5. Centro de Convívio
6. Garagens
7. Nativo da Terra & Estúdio de Henry
8. Estação do Intermediário
9. Consulado
10. Três P

Uma Breve História Do Mundo

Há muito tempo, de Namid nasceram todas as formas de vida, incluindo os seres conhecidos como humanos. Namid ofereceu aos humanos pedaços férteis de si própria, e deu-lhes também boa água. Uma vez que tão bem conhecia a natureza dos humanos e a natureza dos seus outros descendentes, Namid concedeu-lhes ainda isolamento quanto bastasse para que tivessem possibilidade de sobreviver e de medrar. E assim foi.

Aprenderam a fazer lume e abrigos. Aprenderam a cuidar da terra e a construir cidades. Fizeram barcos e pescaram no Mediterrâneo e no Mar Negro. Multiplicaram-se e espalharam-se pelos seus pedaços do mundo até entrarem nos lugares selvagens. Foi então que descobriram que os outros descendentes de Namid já haviam reclamado o resto do mundo.

Os Outros olharam para os seres humanos e não viram conquistas. Viram, isso sim, carne nova.

Travaram-se guerras pela posse dos lugares selvagens. Por vezes, os humanos venciam e chegavam um tudo-nada mais longe. Todavia, o mais habitual era que áreas de civilização desaparecessem, ficando os sobreviventes receosos a tentar não tremer ao escutar os uivos na noite, ou quando alguém que se afastasse da segurança das portas robustas e da luz era encontrado exangue, na manhã seguinte.

Passaram-se séculos e os seres humanos construíram navios maiores que os levaram pelo Oceano Atlântico. Ao encontrarem terra virgem, erigiram uma colónia junto à costa. Descobriram então que essa terra havia igualmente sido reclamada pelos *terra indigene*, os nativos da terra. Os Outros.

Os *terra indigene* que governavam o continente chamado Thaísia ficaram zangados quando os seres humanos derrubaram árvores e usaram arados para cultivar uma terra que não lhes pertencia. Por isso, os Outros comeram os colonos e conheceram a forma dessa carne específica, tal como já haviam feito tantas vezes no passado.

A segunda onda de colonos e de exploradores encontrou a colónia abandonada e, mais uma vez, os humanos tentaram tomar posse da terra.

Os Outros também os comeram.

A terceira onda de colonos tinha um líder mais inteligente do que os antecessores, que ofereceu aos Outros mantas quentes, tecido para roupas e objetos brilhantes. Em troca pôde viver na colônia e dispor de terra suficiente que plantar. Os Outros consideraram a troca justa e afastaram-se dos limites das terras que os humanos podiam usar. Novos presentes foram trocados por privilégios de caça e de pesca. Era um estado de coisas que satisfazia ambos os lados, mesmo arreganhando uma das partes os dentes por tal tolerância e a outra engolindo o medo e certificando-se de que os seus se encontravam de volta à povoação antes do cair da noite.

Com o passar dos anos assistiu-se à chegada de cada vez mais colonos. Bastantes morreram, mas foram muitos os que prosperaram. Os colonatos cresceram e tornaram-se aldeias, que chegaram a vilas e acabaram por se transformar em cidades. Pouco a pouco, os humanos percorreram Thaísia, espalhando-se tanto quanto possível pelas terras cujo uso lhes fora permitido.

Passaram-se séculos. Os seres humanos eram inteligentes. Os Outros também. Os humanos inventaram a eletricidade e a canalização. Os Outros controlavam os rios que acionavam os geradores e os lagos que garantiam água potável. Os humanos inventaram os motores a vapor e o aquecimento central. Os Outros controlavam o combustível indispensável para fazer funcionar os motores e aquecer os edifícios. Os humanos inventaram e fabricaram produtos. Os Outros controlavam todos os recursos naturais, decidindo, assim, o que seria ou não feito na sua parte do mundo.

É óbvio que se verificaram choques, e alguns sítios tornaram-se memoriais sombrios dos mortos. Esses locais acabaram por deixar bem claro aos líderes humanos que eram os *terra indigene* que governavam Thaísia, e só o fim do mundo poderia alterar tal estado de coisas.

Chegamos ao nosso tempo. Erguem-se pequenas aldeias humanas em vastas extensões que pertencem aos Outros. Nas cidades humanas de maior dimensão existem parques vedados chamados Pátios, habitados pelos Outros cujo dever é vigiar os habitantes da cidade e garantir que os humanos cumprem os acordos firmados com os *terra indigene*.

Ainda se verifica uma tolerância atenta de um lado e um profundo receio pelos que vivem na noite do outro, mas se tiverem cuidado, os seres humanos sobrevivem.

Quase sempre sobrevivem.

Capítulo 1

Dia de Thaís, 10 de Maius

Meg Corbyn entrou na casa de banho da Estação do Intermediário Humano e dispôs no lavatório os artigos que designara como sendo ferramentas de profecia: pomada antisséptica, pensos e a navalha de prata com o punho decorado de um lado com belas flores e folhas. No outro lado do punho estava gravada a designação *cs759*. Durante vinte e quatro anos, essa designação fora o mais próximo que tivera de um nome.

Agora tinha um nome, a par de um apartamento verdadeiro, em vez de uma cela estéril. No complexo onde fora criada e treinada — e usada — tivera uma amiga: Jean, a jovem que não permitia que ninguém se esquecesse de que ela, em tempos, tivera um lar e uma família no exterior do complexo — a jovem que ajudara Meg a fugir.

Meg contava agora com muitos amigos, e pouco lhe importava que a maioria não fosse humana. Os *terra indigene* haviam-lhe concedido a oportunidade de ter uma vida, além de estarem a procurar formas de ela conviver com o vício que acabaria por matá-la. No entanto, Simon Wolfgard, líder do Pátio de Lakeside, insistia que já vira alguém como ela, uma mulher que sobrevivera tempo suficiente para chegar a idosa.

Meg queria acreditar que tal era possível. Esperava que a experiência daquela manhã lhe fornecesse algum indício de como o conseguir.

Depois de se certificar de que não se esquecerá de nada de que viessem a precisar, Meg sentou-se no tampo da sanita e esperou por Merri Lee, a amiga humana que estava a aprender a servir-lhe de ouvinte e intérprete.

As *cassandra sangue* viam profecias quando a pele era cortada. Eram treinadas para descrever as visões e as imagens. No entanto, as meninas não aprendiam a interpretar o que viam. Tal seria escusado. Assim que começava a falar, a jovem era preenchida por uma euforia que lhe

velava a mente e a proteção do que fosse revelado pelas imagens. A única maneira de uma profetisa de sangue conseguir lembrar-se daquilo que via era mantendo o silêncio. Se não dissesse as palavras em voz alta, ela recordava o que vira.

Era preciso uma determinação — ou desespero — especial para suportar a agonia que preenchia a jovem que não falasse depois de ter a pele cortada. Além disso, a sensação de euforia quase orgástica era o grande motivo por que as *cassandra sangue* se viciavam nos cortes.

Fora preciso uma coragem especial para reconhecer que não poderia fugir por completo ao vício depois de tantos anos a ser cortada regularmente para proveito e lucro de outrem. As profecias no interior dela não seriam negadas. Quisesse ou não, Meg *precisava* de se cortar.

Era por esse motivo que o encontro daquele dia com a navalha era tão importante. Não tinha a sensação de formigueiro que indicava que estaria alguma coisa para acontecer. Não havia nada que a impelisse, o que tornava aquela manhã o momento perfeito para descobrir o que aconteceria ao fazer um corte controlado.

A porta das traseiras abriu-se e, momentos depois, Merri Lee apareceu junto à entrada da casa de banho com um bloco e uma caneta.

Eram ambas mulheres pequenas, mais ou menos da mesma idade, com tez pálida. Merri Lee, no entanto, tinha olhos escuros e cabelo castanho que lhe passava dos ombros, ao passo que Meg tinha olhos cinzentos-claros e cabelo preto curto, embora ainda ostentasse um tom ruivo-alaranjado, restos do esforço para se disfarçar aquando da fuga do homem conhecido como Controlador.

— Tens a certeza? — perguntou Merri Lee. — Talvez devêssemos esperar que o Simon e o Henry voltassem da Ilha Grande.

Meg abanou a cabeça.

— Temos de o fazer já, antes que a estação abra e haja... estímulos... adicionais que possam alterar aquilo que vejo. O Vlad, hoje, está a trabalhar na Ler e Uivar por Mais. Podemos contar-lhe sobre a profecia... e se precisarmos de ajuda, ele encontra-se por perto.

— Está bem. — Merri Lee foi buscar uma cadeira à pequena zona de refeições, pousou-a junto à entrada da casa de banho e sentou-se. — O que devo perguntar-te?

Meg pensara nisso. Os clientes que visitavam o complexo do Controlador chegavam com uma pergunta específica. Naquele momento

não pretendia algo assim tão definido, mas era preciso *algum* tipo de baliza.

— Vais perguntar o seguinte: a que devem os residentes do Pátio de Lakeside estar atentos durante a próxima quinzena?

— Isso é muito vago — comentou Merri Lee. — E... porquê quinzena?

— Se fizer uma pergunta sobre algo específico do Pátio, pode haver outra coisa que fique esquecida... e *isso* pode ser a informação importante a relatar aos Outros — explicou Meg. — Duas semanas devem chegar. E quanto a «quinzena», aprendi agora essa palavra e gosto do som dela. Acho que se encaixa melhor numa profecia do que dissermos «duas semanas»...

— Mas se não resultar, se não conseguirmos nada de útil, o corte acaba por ser em vão — argumentou Merri Lee.

— Não vai ser em vão — asseverou Meg. A euforia era razão quanto bastasse para o corte. Uma vez que essa justificação não era algo que quisesse revelar à amiga, Meg adiantou uma verdade diferente. — Se conseguir alargar o intervalo entre cortes porque um nos fornece os alertas necessários para duas semanas e acalma a sensação de formigueiro que me leva a cortar-me, terei mais anos para viver. E eu quero viver... sobretudo agora que tenho uma vida a sério.

Fez-se um momento de silêncio, ao que Merri Lee perguntou: — Estás pronta?

— Sim. — Meg abriu a navalha de prata e assentou a lâmina na pele, com a sua largura de um quarto de polegada a garantir a distância perfeita entre cortes — a distância que separava profecias sem desperdiçar pele valiosa. Alinhou a parte romba da lâmina com a última cicatriz no antebraço esquerdo, depois virou a mão e cortou apenas o suficiente para que o sangue jorrasse e, igualmente importante, para que o corte deixasse cicatriz.

Sentiu-se preenchida por agonia, o prelúdio da profecia. Quando ouviu alguém a gritar — um grito que mais ninguém conseguia escutar —, Meg cerrou os dentes, pousou a navalha e assentou o braço no laboratório. Depois assentiu bruscamente, o sinal combinado com Merri Lee.

— A que devem os residentes do Pátio de Lakeside estar atentos durante a próxima quinzena? — proferiu Merri Lee. — Fala, profetisa, e nós te escutaremos.

Meg assim fez, revelando tudo o que via. As imagens desvaneciam-se

com o som das palavras, à medida que ondas de euforia lhe produziam uma sensação deliciosa nos seios e um latejar ritmado entre as pernas, substituindo a dor.

Nunca sabia quanto tempo iria flutuar no prazer que vinha com a euforia. Às vezes parecia desvanecer-se poucos momentos depois de ter identificado a última imagem, enquanto de outras vezes ficava à deriva num oceano de prazer físico. Quando voltou a ter noção do lugar onde se encontrava, Meg percebeu que passara tempo suficiente para que Merri Lee lhe tivesse ligado o corte, lavado a navalha e limpado o lavatório.

O sangue das *cassandra sangue* era perigoso tanto para os seres humanos como para os Outros, tendo sido usado para criar a «lobo passado» e a «na-boia», duas drogas que haviam causado bastantes problemas um pouco por toda a Tháisia nos últimos meses. Fora por isso que, ao planearem aquele corte, Meg e Merri Lee haviam concordado que o sangue seria lavado e os pensos seriam recolhidos e levados para o Complexo de Serviços do Pátio, para serem incinerados.

— Resultou? — quis saber Meg. — Fiz uma profecia? Vi alguma coisa útil? — A voz soava-lhe rouca e a garganta doía-lhe. Queria pedir um copo de água a Merri Lee, ou talvez um pouco de sumo, mas não foi capaz de se levar a dizer mais nada.

— Confias em mim, Meg?

Parecia uma forma ominosa de lhe responder às perguntas.

— Sim, eu confio em ti.

Merri Lee aquiesceu, como se houvesse tomado uma decisão.

— Sim, resultou. Melhor do que o esperado. Preciso de tempo para dar um mínimo de ordem às imagens.

Não era exatamente mentira, mas também não era a verdade.

Meg observou a amiga.

— Não me queres revelar o que disse, o que vi.

— Pois não, não quero. Não quero mesmo.

— Mas...

— *Meg*. — Merri Lee fechou os olhos por um instante. — Ninguém no Pátio corre perigo imediato, mas disseste umas coisas... perturbadoras, coisas que não sei bem como interpretar. Quero fazer uma ordenação preliminar das imagens, tal como fizemos na última vez, quando desenhamos as imagens em fichas de leitura e as fomos dispendo até nos

contarem uma história. Depois vou à Ler e Uivar por Mais falar com o Vlad.

— Vi alguma coisa má a acontecer ao Sam? Ou ao Simon? Ou... a alguém daqui? — Na sua forma humana, Sam Wolfgard parecia ter agora à volta de oito ou nove anos de idade, mas não passava de um lobacho. E Simon era amigo dela. Pensar que algo poderia acontecer a qualquer um deles provocava-lhe um aperto no peito.

Merri Lee abanou a cabeça.

— Não disseste nada que indicasse que alguém do Pátio estivesse em apuros. — Levou a mão à de Meg. — Estamos as duas a aprender a fazer isto, e quero a opinião de outra pessoa antes de falarmos sobre o que viste, está bem?

Não havia risco imediato. Nenhum dos seus amigos corria perigo.

— Está bem.

— São quase nove horas. Devias comer alguma coisa antes de abrires a estação.

Um pouco zozna, Meg seguiu Merri Lee para fora da casa de banho. Sim, precisava de comer. Precisava de alguns instantes sossegados. Precisava de decidir o que dizer ao Lobo que estivesse de guarda nesse dia. Mesmo que o tentasse evitar, o Lobo cheiraria o sangue e a pomada. Estava quase certa de que seria capaz de convencer John a não soar o alarme, e se por acaso fosse Skippy a estar ao serviço, um punhado de biscoitos trataria do assunto. Claro que se Blair, o principal defensor do Pátio, aparecesse com Skippy, como era seu hábito...

Talvez Merri Lee estivesse certa e fosse melhor contar a Vlad, antes que alguém começasse a uivar sobre o corte e levasse *toda a gente* a exigir respostas.

— Merri? — disse Meg quando Merri Lee abriu a porta das traseiras da estação. — Não vi mais nada acerca dos Outros?

Merri Lee abanou a cabeça, após o que franziu o sobrolho.

— Quer dizer, viste patas a escavar.

— A escavar? — Foi a vez de Meg franzir a testa. — Porque seria isso relevante a ponto de aparecer numa visão?

— Não sei. Talvez o Vlad ou os Lobos o consigam perceber. — Merri Lee hesitou. — Ficas bem? Não estás tonta, ou coisa do género?

— Não, eu estou bem.

— Não te esqueças de comer.

— Eu não me esqueço.

Assim que Merri Lee fechou a porta, Meg foi ver o que havia na geladeira por baixo do balcão. No complexo, os Nomes Ambulantes que cuidavam das jovens nunca lhe davam a escolher o que comer depois de um corte. Eram bem alimentadas, mas nunca tinham escolha. Em relação a nada.

Incapaz de se decidir, Meg aqueceu uma fatia de quiche e meia sanduíche de carne no forno de ondas, serviu-se de um copo de sumo de laranja e levou a refeição para a sala de separação.

Podia escolher um dos CD que trouxera da Música e Filmes e ouvir música enquanto comia. Ou então podia dar uma vista de olhos a uma das revistas que usava como material de referência para as profecias.

Naquele momento, no entanto, não queria sons nem imagens novos. Queria saber o que vira. Queria ajudar a decifrar o significado das imagens.

E mesmo que a amiga houvesse tentado ser reconfortante, Meg queria saber aquilo que vira e sobre o qual Merri Lee não queria falar.

Vladimir Sanguinati, cogerente da Ler e Uivar por Mais, instalou-se à secretária no escritório da livraria. Ligou o computador, ignorando o diminuto monte de papelada, e escreveu um *e-mail* breve a Stavros Sanguinati, que residia em Toland, a grande cidade da Costa Leste onde se situava a maioria das grandes editoras.

Editoras humanas, é claro. Desde os conflitos na Região do Midwest, há algumas semanas, que as encomendas de todo o tipo de material haviam abrandado, quer os produtos chegassem ou não do Midwest. Portanto, *era* possível que os editores humanos estivessem mesmo com muitos dos títulos encomendados para a loja esgotados, estando a aguardar a remessa seguinte de papel para imprimir novos títulos ou para fazer reimpressões. Por outro lado, poderiam estar, nesciamente, apenas com os títulos encomendados pelos *terra indigene* esgotados.

Stavros descobriria o que se passava. À semelhança do Avô Erebus, ele gostava de filmes antigos e muitas vezes fazia-se passar por uma caricatura da sua espécie, o vampiro campónio que usava calças de ganga, camisa de flanela xadrez e botas de trabalho, e que dizia coisas como «Querremos beberr um cálice de sangue». Todavia, quando em serviço oficial para o Pátio de Toland, Stavros seguia a tradição dos Sanguinati

de se vestir de preto, e não havia nada de campestre nele quando chegava de limusina, envergando um fato do mais fino material.

Stavros era chamado, eufemisticamente, de solucionador de problemas do Pátio de Toland. Vlad, que sabia bem como o outro vampiro solucionava os problemas, quase sentia pena dos humanos que recebiam uma visita oficial. Assim sendo, Stavros encorajaria as empresas a colocar as lojas como a Ler e Uivar por Mais no topo das listas de envio de encomendas ao responder a pedidos chegados das colônias de *terra indigene* que recebiam os seus bens a partir do Pátio de Lakeside. Os bens produzidos pelos seres humanos eram o único motivo por que os *terra indigene* do continente de Thaísia toleravam a existência continuada desses macacos intrusivos. Se, por qualquer razão, os bens deixassem de ser fornecidos, os humanos passariam a ser apenas uma coisa: carne.

Quando Vlad enviou o *e-mail*, ouviu alguém a subir as escadas. Passos hesitantes, mas não furtivos. Poderia ser alguém da alcateia humana a querer usar o computador da sala da Associação Comercial, que ocupava a outra metade do primeiro andar da LUM. Os humanos deviam pedir autorização antes de entrar nessa sala, e os funcionários mais recentes ainda estavam a habituar-se a trabalhar e a lidar diretamente com os Outros. Isso explicaria a hesitação.

Quando Merri Lee se deteve à porta e ele lhe viu a expressão no rosto, Vlad percebeu que a hesitação se devia ao facto de ela saber que o vampiro não iria gostar do que a humana lhe fora contar. Vlad fechou o programa de *e-mail* e esperou para ver o que queria a bola de pelo explosiva.

Quando a Ler e Uivar por Mais fora aberta a clientes humanos, Vlad ouvira as fêmeas humanas a referirem-se a ele como sendo bom para «lavar a vista», o que significava que os olhos e cabelo escuros, a pele cor de azeitona e o rosto cinzelado atraíam facilmente a presa. Para ele, a alimentação era sinónimo habitual de preliminares.

Merri Lee, no entanto, nunca revelara qualquer interesse sexual por ele, o que mostrava que era mais assisada do que outras fêmeas humanas; além disso, como a fêmea, naquele momento, namorava com um polícia, Vlad duvidava que ela estivesse prestes a oferecer-se.

Portanto, ele *não ia mesmo* gostar da razão que a levava ali.

— Posso fazer alguma coisa por si, Menina Lee? — acabou por perguntar, uma vez que ela não lhe saía da porta.

Merri Lee entrou apressadamente e sentou-se na cadeira das visitas.

Ela está a tremer, pensou Vlad, agora mais cauteloso. — O que se passa?

— Nada. Ainda — respondeu Merri Lee. — Tem de dizer ao Lobo de guarda para não ficar perturbado e não sobressaltar toda a gente.

Ocorreu a Vlad que não sabia quem deveria estar de guarda naquele dia. Nathan Wolfgard, um dos melhores defensores do Pátio, costumava ser o Lobo de guarda quando Meg se encontrava a trabalhar na Estação do Intermediário Humano. Nathan, contudo, estava de folga por mais algumas semanas, a correr com os Lobos nas montanhas Adirondack, livre de responsabilidades, bem como da pele humana. Os Sanguinati sentiam-se mais à vontade nas cidades humanas, pois o fumo, a sua outra forma, tornava-os predadores excelentes num ambiente urbano. Os transmorfos, por outro lado, como os Lobos, os Ursos e os vários clãs felinos, viam a vida num Pátio como sendo fonte de constante stress.

Trabalhar num Pátio era um sacrifício que alguns *terra indigene* faziam em prol do resto da espécie. Vigiavam os predadores bípedes que haviam chegado a Tháisia vindos de outras partes do mundo. Tornavam possível a existência dos humanos naquele continente. Vlad questionava-se se algum ser humano teria noção disso — se teriam noção do que acontecia aos lugares concedidos aos humanos aquando do desaparecimento de um sítio «civilizado», como um Pátio.

Claro que essas cogitações não eram importantes naquele momento, pois tinha uma fêmea a fitá-lo do outro lado da secretária.

— O que poderia perturbar o Lobo? — indagou, com a sensação incómoda de que já saberia a resposta a essa pergunta.

— A Meg fez um corte. — As mãos de Vlad formaram punhos, mas o vampiro permaneceu sentado. — Planeámo-lo para esta manhã — apressou-se Merri Lee a acrescentar. — Como uma espécie de experiência.

Deixa-a falar. — Houve alguma coisa que perturbasse a Meg?

— Não. Está a ver, a ideia era mesmo essa. Fazer um corte controlado, sem que nada a pressionasse.

Um milhar de cortes. Supostamente era esse o limite de uma *cassandra sangue* antes do corte que a mataria ou que a faria perder a sanidade. E não se tratava apenas dos cortes feitos com uma navalha. Qualquer ferimento que lhe quebrassem a pele contava como parte desse número.

A maioria dessas jovens não chegava ao trigésimo quinto aniversário, e Meg estava a fazer cortes sem motivo.

O vício era um motivo em si próprio. Isso explicaria a razão por que Meg escolhera um momento em que Simon Wolfgard e Henry Beargard estivessem ausentes do Pátio. Contudo, não explicava por que Merri Lee o procurara.

Precisava de soar calmo e razoável. Merri Lee fazia parte da alcateia humana de Meg, com as duas raparigas a exibirem a capacidade de trabalhar em conjunto para interpretar as profecias.

— A experiência foi bem-sucedida?

Merri Lee assentiu.

— Foi diferente da última a que assisti. Depois do... desconforto... inicial, a Meg começou a falar. Muitas imagens. Acho que ela também ouviu algumas coisas, mas os sons faziam parte das imagens. Anotei-os. — Entregou-lhe uma folha de papel.

Vlad leu a lista comprida.

— O que significa isto? — Apontou para um P em parênteses após certas palavras.

— É uma pausa — explicou Merri Lee. — Isso foi diferente. Desta vez, a Meg fez pausas, como se faz na música, por isso imaginei que cada grupo de palavras compusesse uma imagem. — Entregou-lhe as fichas de leitura.

Vlad aceitou-as com relutância.

— Qual foi a pergunta feita?

— Perguntámos a que deveriam estar atentos os residentes do Pátio de Lakeside durante a próxima quinzena.

— Os residentes? Não só os *terra indigene*?

Merri Lee hesitou.

— Não. Dissemos *residentes*, e não só os Outros. Portanto, aquilo que a Meg viu aplica-se a todos os que vivem no Pátio.

O que significava *toda a gente*, incluindo Meg e Merri Lee.

Vlad olhou para as «histórias» nas fichas de leitura e sentiu um arrepio.

Precisa-se Colaborador/a: ALNPC

Vanguarda? Bússola / Caminho?

Grávida em estrada de terra batida. Navalha de Prata. Sangue.

«Não! Ainda não é tarde de mais!»

Rapariga a chorar. Navalha de prata. Veado morto junto a autoestrada (acidente).

Urso-pardo a comer joias.

Horta. Patas a escavar, mãos a plantar.

Placas de Vende-se.

Algumas das «histórias» não lhe diziam nada. No entanto, se estivesse a interpretar outras corretamente, todos os *terra indigene* teriam de agir com celeridade.

Vlad observou Merri Lee. Talvez algumas das «histórias» não lhe dissessem nada, mas *significavam* alguma coisa para a jovem.

— Quais são as que compreende? — Vlad pousou as fichas de leitura no extremo da secretária, ao alcance dela.

Merri Lee hesitou e depois apontou para Precisa-se Colaborador/a: ALNPC.

— Por cima da porta da Estação do Intermediário estão as letras *ALHNSA*, que significam «A Lei Humana Não Se Aplica». ALNPC significa «Amantes de Lobo Não Precisam de se Candidatar». — Engoliu em seco e recusou-se a olhá-lo nos olhos. — Na última semana foram muitos os anúncios de emprego no *Lakeside News* com estas letras no fim, e já vi placas dessas nas montras das lojas.

— Compreendo. — E compreendia, realmente. Catalogar como amante de Lobo quem pretendesse manter a paz entre humanos e *terra indigene*, sobretudo se esse indivíduo interagisse, de alguma forma, com os Outros, e obrigar essas pessoas a optar entre ter um emprego e dar de comer à família, ou opor-se aos loucos que provocariam um confronto que acabaria com inúmeros seres humanos mortos ou expulsos da cidade.

— Estas letras têm surgido apenas associadas a empregos ou também estão ligadas à habitação? — perguntou Vlad, pensando nos seres humanos que trabalhavam no Pátio e em duas necessidades básicas.

Merri Lee não lhe respondeu, e isso foi a resposta de que ele precisava.

— E que mais? — indagou Vlad.

— Eu... Não me compete dizer.

Vlad chegou-se à frente e Merri Lee estremeceu.

— Di-lo à mesma — incitou o vampiro.

— A Ruth Stuart e o Karl Kowalski. Este verão, toda a gente está a ser incentivada a criar uma horta e a cultivar legumes para complementar o que se encontra no mercado. Bem, a Ruth e o Karl compraram o material e prepararam o canteiro de legumes para o prédio de apartamentos onde moram, sempre a imaginar que iriam utilizar metade do canteiro, e que os restantes inquilinos, senhorio incluído, partilhariam a outra metade. Mas quando acabaram o canteiro, o senhorio apresentou-lhes ordem de despejo, dizendo que eram inquilinos inaceitáveis. Têm de sair até ao final de Maius, porque ele já tem pessoas *aceitáveis* para entrar no início de Junhio. A Ruth e o Karl ficaram assim com três semanas para encontrar outra casa e para se mudarem. Tinham assinado um contrato por um ano e mal tiveram tempo de se habituarem à casa. Aquele *homem* diz que não vai reembolsá-los pelos materiais que *eles* compraram, nem lhes vai devolver a caução que pagaram quando assinaram o contrato de arrendamento. Se eram aceitáveis *antes* de fazerem aquele trabalho todo, porque é que agora são inaceitáveis? E se este tipo se safá, quem lhes garante que o próximo senhorio não faz o mesmo?

O que impediria *aquele* senhorio de fazer o mesmo com o inquilino seguinte? A situação parecia ter o potencial de vir a tornar-se mais um problema de humanos contra humanos. A espécie passava a vida a enganar-se mutuamente.

Mas Karl Kowalski era um dos polícias que trabalhavam diretamente com os líderes do Pátio para impedir que qualquer colisão menor entre humanos e Outros escalasse para confrontos graves. Se Kowalski estava a ser rotulado de amante de Lobo e fora expulso de sua casa por isso, então os Outros teriam de prestar mais atenção às coisas que, à primeira vista, parecessem exclusivamente assuntos humanos.

Por outro lado, se Ruthie era uma inquilina inaceitável por trabalhar para o Pátio de Lakeside, os problemas com aquele senhorio específico deixavam de ser um assunto exclusivamente humano, não era verdade?

Seria um tema a debater com o Avô Erebus.

Pelo menos Merri Lee, agitada em defesa dos seus amigos, estava a agir de uma forma mais parecida com o seu estado normal, em vez de se encolher como um coelhinho assustado. Estava a contar-lhe a situação de Ruthie e Kowalski, mas, ao mesmo tempo, revelava aquilo que ela e Michael Debany enfrentavam. Debany era outro agente da polícia que lidava com os Outros e Merri Lee trabalhava para o Pátio. Naquele

momento, a jovem residia num dos apartamentos de serviço por cima da costureira/alfaiate, mas, mais cedo ou mais tarde, ela e Debany queriam viver juntos enquanto par acasalado, altura em que se deparariam com a mesma hostilidade.

— Mais alguma coisa? — perguntou Vlad. A jovem já lhe dera bastante em que pensar, mas o vampiro tinha a sensação de que ela ainda não acabara.

Merri Lee apontou para o alerta sobre ainda não ser tarde de mais para qualquer coisa.

— Não creio que isto fizesse parte da visão. Acho que a Meg o terá gritado para tentar avisar a rapariga que viu na profecia. — Respirou fundo. — Ambas as «histórias» sobre raparigas incluíram uma navalha de prata. Vai haver problemas para as profetisas de sangue, não vai?

«Problemas» talvez fosse um eufemismo para o que porventura viria a acontecer a essas jovens.

— Obrigado, Menina Lee — disse Vlad, ignorando-lhe a questão. — Deram-me muito em que pensar, mas está na hora de iniciarmos o nosso dia de trabalho. Hoje vai tratar de encomendas na livraria, não é verdade?

— Sim. Pelo menos das encomendas que puder tratar. — Merri Lee levantou-se, mas não fez menção de se encaminhar para a porta. — A Ruth não ia dizer nada acerca do canteiro de legumes, nem sobre a outra parte.

— Nesse caso, ainda bem que me contou.

Vlad esperou que Merri Lee acabasse de descer as escadas e depois levantou-se da secretária e acercou-se das janelas com vista para a avenida Crowfield.

Os malfadados macacos não se calavam com o movimento dos Seres Humanos em Primeiro Lugar na rádio e nos jornais. Os seres humanos eram uma espécie arrivista, quando comparados com os *terra indigene*, que, fosse qual fosse a forma, já existiam no mundo muito antes dos dinossauros. Mas os humanos julgavam que eram *eles* que controlavam o mundo, com os discursos feitos pelos elementos do movimento SHPL a encorajar esse tipo de crença.

Será que os seres humanos não se apercebiam de que os *terra indigene* já haviam ouvido essas palavras? Não compreenderiam que tais

palavras indicavam que se estava a preparar uma luta pelo território às escondidas?

Não se interrogariam quanto ao que acontecera a cidades e a civilizações quando, em outras eras, os seres humanos haviam feito reivindicações semelhantes?

Muito bem, pensou Vlad. Que venham. Os macacos nem imaginam o que existe no território selvagem. Mas vão descobrir. Se começarem uma guerra com os Outros em Tháisia, vão descobrir.

Enquanto observava, absorto, o trânsito que percorria a avenida Crowfield, viu um carro parar no outro lado da rua. Dele saíram dois homens, que foram buscar material à bagageira e começaram a pregar uma placa num dos prédios de apartamentos opostos ao Pátio. Atravessaram então o quintal de uma casa de madeira de primeiro andar e espetaram outra placa no relvado do outro alto prédio de apartamentos.

Vlad olhou para as fichas de leitura em cima da secretária. Leu as placas de venda que haviam sido afixadas no outro lado da rua.

Mal posso esperar por discutir este assunto com o Simon, pensou, regressando à secretária e enviando um breve e-mail a todos os Sanguinati que viviam em Tháisia. Aquilo que a Meg viu já está em andamento, o que significa que as profetisas de sangue, as «sangue doce», já correm perigo.

Encerrou o programa de e-mail e saiu da Ler e Uivar por Mais, sem sequer se deter tempo suficiente para dizer a Merri Lee que estava de saída. Vlad mudou para a sua forma de fumo e encaminhou-se para as Câmaras, para dar conta do que se passava ao Avô Erebus.

Para: Todos os Sanguinati de Thaísia
Assunto: ALNPC

Leiam os anúncios de emprego nos jornais humanos. Procurem as letras ALNPC. Significam Amantes de Lobo Não Precisam de se Candidatar e são um ataque contra os seres humanos que não são inimigos dos *terra indigene*. Façam uma lista de quem publicou esses anúncios. Procurem também essas letras nos anúncios de arrendamento de apartamentos ou de moradias. Recolham informações, mas não façam mais nada. A verdadeira presa são os predadores bípedes de uma alcateia chamada Seres Humanos em Primeiro Lugar. Escondem-se no meio dos restantes humanos e ver ALNPC é sinal da presença deles no vosso território.

Os Sanguinati vão chamar Oradores Venenosos a estes humanos, pois eles envenenam os outros humanos com as suas palavras.

Fiquem alerta e relatem o que encontram. Deixem que os Oradores Venenosos se mostrem. Assim serão mais fáceis de matar.

V L A D I M I R S A N G U I N A T I ,
E M N O M E D E E R E B U S S A N G U I N A T I

Capítulo 2

Dia de Thaís, 10 de Maius

Simon Wolfgard estacionou o monovolume no parque destinado aos passageiros que apanhavam o *ferry* para a Ilha Grande. Começou a abrir a porta do veículo e depois virou-se para o companheiro, Henry Beargard.

— O que queria o Vlad, quando ligou?

— Ele quer que a Associação Comercial se reúna assim que voltamos ao Pátio — respondeu Henry. — Diz que deveríamos marcar reuniões com o tenente Montgomery e com o doutor Lorenzo assim que possível. Talvez também com o capitão Burke.

— O que aconteceu? — rosou Simon, sentindo os caninos a alongarem-se para a dimensão lupina.

— Nada que obrigue a uma ação imediata, mas há muitas coisas que têm de ser discutidas e tratadas. A Meg está bem — acrescentou Henry. — Antes de telefonar, o Vlad passou pela Estação do Intermediário e confirmou.

Simon sabia como interpretar *essas* palavras.

— Ela cortou-se e viu uma profecia.

Henry assentiu.

— A Meg está preocupada porque a Merri Lee não lhe quis dizer o que foi visto, mas o Vlad diz que ambas as raparigas estão bem. O corte foi feito com cuidado e foi bem tratado. Mais ainda, apesar de estar preocupada com a profecia, a Meg parecia bem-disposta e descontraída, e mencionou qualquer coisa acerca do símbolo de um novo começo, mas atalhou a tentativa do Vlad de descobrir do que se tratava, dizendo que eram coisas de raparigas.

Simon não pretendia meter o focinho numa «coisa de raparigas». Regra geral, isso revelava-se território arriscado. Não obstante, as palavras indicavam claramente que o corte não envolvia cuidados físicos.

Se houvesse alguma coisa de errado com Meg, Vlad não o ignoraria,

sobretudo tendo o Avô Erebus, o líder dos Sanguinati de Lakeside — e, porventura, o líder dos Sanguinati da Região Nordeste, ou até mesmo de toda a Thaísia —, um interesse pessoal pela miúda a quem chamava «sangue doce».

Tecnicamente já não era uma miúda, pensou Simon, enquanto ele e Henry travavam o monovolume e se dirigiam à banca que vendia bilhetes para o *ferry*. Meg tinha vinte e quatro anos de idade. Era uma fêmea adulta. No entanto, as *cassandra sangue* mantinham a doçura do coração infantil, um dos motivos por que não eram consideradas presas.

O outro motivo era o facto de as profetisas de sangue serem uma criação de Namid, a um tempo maravilhosas e terríveis, e bastante mais perigosas do que se imaginava. Fora por isso que os Outros haviam exigido o que os seres humanos chamavam de divulgação integral — a revelação de qualquer local que alojasse profetisas de sangue ou o extermínio total da localidade que conspirasse para manter a existência das jovens em segredo.

Todo o continente ficara abalado quando os *terra indigene* haviam caçado e eliminado um homem conhecido como o Controlador. Os Outros da Região do Midwest, onde se situava o complexo, não se haviam limitado a destruir o homem e todos os que trabalhavam para ele; tinham mostrado às autoridades humanas o que as leis de «posse benevolente» significavam para as *cassandra sangue* mantidas em complexos como aqueles.

Meg viera desse complexo do Midwest. Simon encontrara a cela dela ao procurar a amiga Jean, e a mera recordação do cheiro de Meg naquele sítio enfurecia-o.

O homem no guichê mandou-os embora.

— Hoje não lhes cobro passagem. É melhor irem já lá para baixo. O *ferry* está só à vossa espera.

<Não é uma ocorrência normal>, comentou Henry, mudando para a forma de comunicação dos *terra indigene* enquanto se dirigiam ao *ferry*.

<Pois não. Mas o Steve Ferryman parecia assustado quando telefonou e pediu este encontro.>

Simon não sabia como se viam os Intuits — se como uma raça separada dos outros seres humanos, se como um grupo de indivíduos perseguidos devido à capacidade de sentir o que os rodeava de uma maneira vedada aos restantes seres humanos. Fosse qual fosse o nome dessa

capacidade — intuição ou sexto-sentido —, os Intuits não tinham visões, mas sim pressentimentos sobre as coisas, bons ou maus. Escorraçados desde há gerações das colónias humanas, os Intuits haviam estabelecido acordos próprios com os *terra indigene* e tinham agora aldeias escondidas nos territórios selvagens, fora do alcance de quem os perseguia.

Mas isso nem sempre fora assim. Quando viviam entre os outros humanos, ocasionalmente tinham filhas mais sensíveis do que os restantes Intuits, meninas *capazes* de ter visões. Dos Intuits haviam nascido as primeiras *cassandra sangue*, as jovens que viam avisos de coisas por vir sempre que a pele era cortada.

De certa forma, o círculo estava a fechar-se. Os Intuits, que haviam abdicado dessas filhas por julgarem que estavam a salvar as meninas, bem como os seus outros filhos, ofereciam-se agora para cuidar das jovens que quisessem deixar os complexos onde eram consideradas, e tratadas, como propriedade.

Meg não era propriedade. Deixara de o ser. Era sua amiga — e devia ter aguardado pelo regresso dele antes de usar a navalha de prata.

Assim que voltasse a casa, ia rosñar com Meg por ter sido dissimulada com aquele corte. E também rosñaria com Merri Lee. Talvez isso causasse maior impressão.

Ou talvez não.

Quando a Ler e Uivar por Mais abriam as suas portas aos clientes humanos, as fêmeas que lá iam cheirar queriam ver um *terra indigene* com pelo ou penas, ou então andavam à procura de uma aventura mais selvagem, encarando o sexo com um macho que não fosse humano como uma espécie de troféu. Esse comportamento era fácil de compreender e de ignorar. A alcateia humana do Pátio, por outro lado... *Essas* fêmeas nada tinham de simples!

<Para de rosñar>, alertou Henry. <Estás a assustar os humanos.>

Não se apercebera de que estivera a rosñar. Uma breve passagem com a língua confirmou-lhe a necessidade de reverter os caninos a algo mais parecido com o humano antes de sorrir aos macacos enervados que o fitavam.

— Bom-dia — cumprimentou o macho humano quando Simon e Henry subiram a bordo do *ferry*. — Sou o Will Ferryman, irmão do Steve. E esta é a nossa tia, Lucinda Fish. Vamos levá-los até à ilha. O Steve tem uma sala reservada na sede do governo. Sabem onde fica?

— Sabemos — confirmou Henry.

— Importa-se que fiquemos aqui fora? — perguntou Simon. O *ferry* não era uma embarcação propriamente grande, e ele não queria passar muito tempo fechado numa cabina com um bando de passageiros nervosos.

Os seres humanos cheiravam mais a presa quando nervosos, o que fazia com que fosse mais fácil agir como um Lobo à caça — e mais difícil recuar assim que o cheiro a sangue se fazia sentir.

— Claro, sem problema. Mas não se inclinem muito no parapeito — aconselhou Will. — Até mesmo um bom nadador pode ver-se em apuros com esta corrente.

<Será que ele julga que somos assim tão idiotas?>, perguntou Simon a Henry enquanto se dirigiam à proa.

<Não, mas imagino que já deva ter tido de lidar com humanos que foram idiotas a esse ponto>, replicou Henry.

Will e a tia soltaram as cordas e o *ferry* deu início à viagem através do Rio Talulah.

Ferryman's Landing era uma aldeia intuit dividida pelo rio. Metade da aldeia situava-se na margem continental, enquanto a outra metade ficava localizada na Ilha Grande. Ao contrário de Lakeside, uma cidade controlada por humanos edificada em terrenos alugados aos Outros, Ferryman's Landing sempre fora uma colónia humana controlada pelos *terra indigene*. Isso queria dizer que os nativos da terra tinham a última palavra em tudo o que os humanos faziam, desde a construção de um edifício novo à autorização de residência de outro humano, e não tinham pejo em eliminar humanos que tentassem causar problemas.

Tratava-se de uma verdade dura que os residentes de Talulah Falls, agora que a vila deixara de estar sob o controlo dos seres humanos, ainda estavam a assimilar.

— Parece que o Steve Ferryman não quis esperar que chegássemos à sede do governo — comentou Henry quando avistaram a doca do *ferry* e viram os dois machos que os observavam. — Ou isso, ou o Ming Beargard também tem os seus motivos para se encontrar connosco.

O Urso Negro afirmava ser apenas defensor da ilha em part-time, mas Ming era um dos poucos *terra indigene* na ilha que se aventuravam na aldeia propriamente dita. Assim, dizer que Ming era apenas um defensor era como dizer que Henry era apenas um escultor. O Pardo de

Lakeside era membro da Associação Comercial, além de ser o espírito-guia do Pátio. Como tal, a opinião de Henry tinha o seu peso.

Também pesada era a pata que por vezes enfiava bom senso na cabeça de uma pessoa.

<O Steve pede que fiquem no *ferry*>, disse-lhes Ming. <O local de encontro foi alterado.>

Um manto de pelo surgiu em torno dos ombros de Simon. Enquanto humano era um bom nadador. Na forma de Lobo era excelente. No entanto, não pretendia testar as suas forças e resistência contra o Rio Talulah. Não gostava de se sentir desconfiado por Steve Ferryman os ter chamado ali e depois não os querer na ilha, mas não tinha motivos para não confiar no presidente da ilha. Ainda.

Steve e Ming embarcaram assim que o *ferry* atracou. Enquanto Steve se dirigiu à casa do leme para falar com Will, Ming e Lucinda Fish encorajaram os passageiros humanos a desembarcar com celeridade.

Os passageiros olharam para Henry e para Simon e não foi preciso pedir-lhes duas vezes.

Ainda na proa, Simon observou Roger Czerneda, polícia da aldeia, e Flash Foxgard, outro guardião em part-time, a dispor cavaletes, bloqueando o acesso ao *ferry*.

— Está a acontecer qualquer coisa — disse baixinho a Henry.

<O Steve quer que nos juntemos na cabina para falarmos>, indicou Ming quando o último passageiro percorreu a doca e se espremeu entre os cavaletes.

<Há algum motivo para ele não nos querer na ilha?>, indagou Simon.

<São bastantes os humanos que querem falar, em vez de deixarem que o Steve seja o porta-voz deles>, replicou Ming. <Houve muitos que se reuniram à frente da sede do governo local à espera da vossa chegada. O Steve esgueirou-se pelas traseiras do edifício para se encontrar aqui convosco.>

<Os Intuits tiveram um pressentimento em relação a este encontro?>

<Julgo que terão sentido demasiadas emoções, mas nada de orientador.>

<Isso não é bom>, comentou Henry. Entrou para a cabina, deixando que Simon o seguisse.

Steve Ferryman era um macho humano vigoroso e saudável, atlético como um Lobo mas não entroncado com um Urso. O cabelo escuro

estava limpo e os olhos castanhos cintilavam habitualmente com uma inteligência viva.

Naquele dia ele parecia um pouco... mastigado. Não, os seres humanos não diriam «mastigado». Esfarrapado. Seria esse o equivalente humano?

— Obrigado por se terem encontrado comigo — agradeceu Steve. — Sinto muito por não vos ter avisado da alteração do local, mas de outra forma não poderíamos falar tranquilamente. E se chegar a isso, o Will está pronto para nos levar até ao meio do rio para evitar participações indesejadas. — Respirou fundo. — Trouxemos comida da Padaria Eamer, e a tia Lu diz que, se quiserem, há café fresco no samovar.

— O que queremos é o motivo para nos ter chamado aqui — adiantou Simon.

Steve esfregou o rosto.

— A aldeia está assustada. Andamos a mijar as calças e precisamos de ajuda.

Simon conseguiu impedir-se de se meter debaixo da mesa para farejar, mas o movimento abortado fez Steve sorrir.

— É uma expressão — explicou Steve. — Significa que andamos apavorados.

Os seres humanos inventavam imprecações e expressões úteis, mas Simon não utilizaria *aquela* expressão nos próximos tempos.

— Esse medo deve-se ao facto de os *terra indigene* estarem à frente de Talulah Falls? — perguntou Henry.

— Em parte — admitiu Steve. Olhou para Ming.

— Os Outros que controlam Talulah Falls sentem raiva e uma grande desconfiança em relação a todos os seres humanos — disse Ming. — E são muitos os nativos da terra em torno dos Grandes Lagos que julgam que essa desconfiança e raiva foram merecidas, que a população humana de Talulah Falls tem de ser joeirada, até que restem apenas os necessários para operar as máquinas e as empresas que os humanos dizem ser vitais. Andam à procura de desculpas para matar humanos e reagem violentamente a quaisquer problemas. Até os humanos que entregam as encomendas correm perigo.

— Esse tipo de raiva chega-nos com a experiência — roncou Henry.

— Eu sei. Mas essa raiva é como o fogo: ou se consome ou se espalha.

— Os Corvos de Talulah Falls e da Ilha Grande reuniram-se, e

foi assim que soubemos parte do que se passa — adiantou Steve. — Os Corvos de Falls disseram que os *terra indigene* convocaram um defensor que os deixa inquietos. Deram-lhe rédea livre para lidar com os humanos que levantem problemas. Dizem que o cabelo dele é comprido e está decorado com muitas tranças, com pequenos ossos nas pontas... ossos que por vezes batem uns nos outros e soam a cobras zangadas, mesmo quando ele está imóvel. E o cabelo muda de cor. Viram humanos a discutir com *terra indigene*, como se fossem brigar. Os Corvos desviaram o olhar do defensor quando os ossos chocalharam e o cabelo começou a ficar preto... mas viram os humanos a cair mortos.

— Conhecem esta espécie de *terra indigene*? — perguntou Ming.

Silêncio.

— As tranças e os ossos não são familiares — acabou Henry por dizer —, mas conhecemos essa espécie. Até falar dessa espécie é perigoso. Se tiverem de ir a Talulah Falls, tenham cuidado... e não olhem para o defensor se o cabelo dele começar a ficar preto.

Um Ceifeiro, pensou Simon. Os *terra indigene* haviam convocado um Ceifeiro para lidar com os humanos que levantassem problemas. Será que Tess sabia da existência de outro elemento da sua espécie naquela zona? Haveria maneira segura de lhe perguntar? Provavelmente não.

Simon voltou a concentrar-se em Steve.

— O que mais está a deixá-los inquietos?

— O que realmente abalou a nossa comunidade foram as cinco *cassandra sangue* que trouxeram do Midwest — adiantou Steve. — Pensámos que se estivessem a adaptar à vida connosco. Durante os primeiros dias as coisas pareceram estar a correr bem. Agora, há todos os dias pelo menos uma que tem um colapso emocional ou que entra num estado catatónico que pode durar entre poucos minutos e algumas horas. Não sabemos o que está a provocar isso. Não sabemos como ajudá-las. Só sabemos que as temos de mudar da residencial e encontrar outro sítio onde ficarem, mas que tipo de sítio? E onde? Tentámos levá-las ao nosso centro clínico, para exames de rotina. Três delas borraram-se e as outras duas fugiram num tal estado de pânico que quase foram atropeladas. Lembram-se de lhes ter contado da família do Jerry Sledgeman, que a sobrinha dele começou a cortar-se e depois saltou ao rio e afogou-se?

Decerto imaginam aquilo por que a família dele está a passar ao ver cinco meninas a agir assim.

— Querem que levemos as miúdas? — perguntou Henry.

Steve abanou a cabeça com veemência.

— Já antes os Intuits entregaram crianças assim aos cuidados de outros, e isso tornou-se uma parte vergonhosa da nossa História. Não voltaremos a fazer tal coisa de livre vontade. Mas a situação não se limita à nossa comunidade. *Todas* as aldeias intuits que acolheram as raparigas daquele complexo estão a ter problemas. Não há dia que passe em que não receba *e-mails* dos líderes das aldeias a rogar por informações úteis. Não queremos que estas jovens morram, mas todos receamos que isso aconteça.

— Então e a Jean? — indagou Simon. — O que diz ela?

Steve suspirou.

— A Jean está... afetada... e mal consegue fazer seja o que for. Só diz que a Meg sabe, a Meg pode ajudar.

Quando Simon salvara Jean, esta dissera-lhe que Meg era a precursora, a desbravadora. Na altura gostara da maneira como essas palavras soavam. Agora pareciam pedras grandes e pesadas que alguém quisesse atar à volta do pescoço de Meg antes de a atirar ao rio, para ver se seria capaz de sobreviver. Mas as meninas que ele, a par do tenente Montgomery e do doutor Lorenzo, haviam trazido do complexo do Controlador tinham entre oito e onze anos de idade. Continuavam a ser crias que dependiam dos adultos da alcateia para sobreviver. E Jean, uma adulta danificada por tudo aquilo que lhe fora feito, era amiga de Meg.

— Eu falo com a Meg — asseverou Simon, de todo agradado com essa decisão, mas certo de que Meg ficaria ainda menos satisfeita se alguma das outras profetisas de sangue acabasse prejudicada.

— Uma sugestão que pode ajudar no imediato — adiantou Henry. — Os vossos curandeiros, médicos, não devem usar bata branca junto das raparigas. Os captores delas usavam fardas brancas e batas brancas. A Meg fica incomodada com essas coisas. É bastante provável que as outras meninas também fiquem.

— Parece-me útil — disse Steve. — Eu transmito essa informação aos outros. Obrigado.

— Os *terra indigene* estão dispostos a alargar o terreno da aldeia

para que se construa uma habitação nova para as raparigas — informou Ming. — Mas primeiro temos de saber o que construir.

Uma concessão bastante generosa, pensou Simon. Mas isso suscitava uma outra questão.

— Aquele complexo industrial e habitacional abandonado junto à Estrada do Rio. Sei que o contrato de arrendamento não foi renovado porque as empresas sujavam demasiado a terra e a água, mas fiquei a pensar se ainda haveria humanos a residir nessas casas, e qual seria o grupo de *terra indigene* que agora controla o terreno.

— Aí, as meninas ficariam vulneráveis — opôs-se Steve de imediato. — O acesso à ilha é controlado; é por isso que aqui estão.

— Não estou a pensar nas raparigas — garantiu Simon. — Mas não quero quaisquer humanos que tenham conseguido fugir de Talulah Falls a habitar essas casas. Não quero um bando de inimigos potenciais a reivindicar terras entre Lakeside e a Ilha Grande.

Steve olhou para Ming, ao que disse: — Há uns meses ainda havia quem lá morasse, mas este último inverno convenceu-os a não viverem lá sozinhos quando o tempo piora.

— Os Corvos relataram que os últimos humanos saíram de lá assim que a estrada ficou transitável — acrescentou Ming. — Não soube de *terra indigene* a reclamar esse terreno como território selvagem. Querem reclamá-lo?

— Sozinhos, não — respondeu Simon.

— Nesse caso, estaríamos dispostos a partilhar a responsabilidade por esse terreno com o Pátio de Lakeside. — Ming olhou para Steve, que assentiu.

— Têm quem possa vistoriar os edifícios? — perguntou Simon a Steve.

— É claro — garantiu Steve. — Temos canalizadores, carpinteiros e outros técnicos. Vou reunir uma equipa que inspecione cada casa e faça uma lista do necessário para as voltar a tornar habitáveis. E vamos confirmar a disponibilidade de água e eletricidade nas construções. — Hesitou. — Imagino que estejam a pensar numa comunidade restrita, certo?

Simon assentiu. Não sabia ao certo *quem* deveria residir nessa comunidade, mas tinha a certeza de que o terreno e as construções deviam ser controladas pelos Outros.

Depois, sentindo-se claustrofóbico, levantou-se.

— Chega.

Steve também se levantou e bateu com o dedo na caixa da Padaria Eamer.

— Levem-nos para o vosso café. — Saiu da cabina com Ming.

Lá fora, os cavaletes foram retirados e os passageiros embarcaram para a travessia para o lado continental da aldeia. Mas ninguém entrou na cabina.

Henry abriu a caixa da padaria, soltou um ronco satisfeito e serviu-se de um pastel com recheio de fruta.

— Bom — comentou, depois de engolir a primeira dentada. — E então? Estás arrependido de não teres ido para as montanhas Adirondack com o Nathan?

— Não. Mas quero falar com o Vlad. Se as coisas continuarem calmas no Pátio, e uma vez que fica de caminho, quero dar uma vista de olhos às casas.

Naquele momento só queria poder despir aquela pele e ser um Lobo, para não pensar em problemas humanos, mas não se arrependia de ter abdicado da oportunidade de passar algum tempo afastado do Pátio. Não se arrependia de lá ficar para estar junto de Meg. A sua amiga humana.

Só gostava de saber por que razão Meg, *a Desbravadora*, decidira fazer um corte na ausência dele.

Capítulo 3

Dia de Thaís, 10 de Maius

Simon e Henry encontraram um pequeno grupo de jovens Sanguinati a ocupar uma das casas abandonadas daquilo a que Simon decidira chamar de comunidade da Estrada do Rio. Haviam chegado a Talulah Falls vindos de colônias de *terra indigene* em torno dos Grandes Lagos, atraídos por histórias de uma fartura de presas humanas fáceis. Todavia, os *terra indigene* enviados para lidar com os seres humanos sobreviventes não se mostraram interessados em ensinar os jovens a viver numa povoação humana, e os Sanguinati haviam sido afugentados pelo defensor principal de Falls, assustador com as suas tranças e ossos a chocalhar.

Depois de obterem a promessa, por parte dos jovens, de que estes não caçariam em Ferryman's Landing, e de garantirem, por sua vez, deixar Erebus a par da situação em que se encontravam, Simon e Henry partiram, satisfeitos por terem um mínimo de vigilância nos seus novos terrenos.

Quando entraram no Pátio de Lakeside, vindos da Rua Central, e percorreram o acesso, ouviram o *arroooo* pesaroso de Skippy Wolfgard.

Simon pôs o monovolume em ponto-morto e observou o Lobo jovem sentado à porta traseira da Estação do Intermediário Humano.

— *Arroooo! Arroooo! Aroooooooo!* <A Meg não me deixa entrar!>

Simon olhou para o relógio no tabliê, respirou fundo e baixou o vidro do seu lado.

— Skippy. *Skippy!*

— *Arroooo!* <A Meg não me deixa entrar!>

Skippy era dono de um cérebro que nem sempre funcionava devidamente e saltava com frequência bocados de informação. Nos territórios selvagens, isso regra geral levava a que o jovem nessas condições cometesse um erro fatal. Num Pátio era uma inconveniência, mas,

normalmente, qualquer jovem que alcançasse a maturidade deixava esse problema para trás.

Skippy fora enviado para Lakeside havia poucas semanas. Era raro o dia em que não passasse algum tempo com Meg, na estação, sempre com Lobos suficientes a trabalhar nos edifícios circundantes para evitar que fizesse qualquer coisa demasiado tola — além do facto de Nathan estar habitualmente presente enquanto Lobo de guarda oficial.

No entanto, o cérebro de Skippy tinha dificuldade em apreender que a estação nem sempre estava aberta. Como Meg, provavelmente, ainda estaria na sua folga para almoço, o jovem podia ficar rouco de tanto uivar, sem nunca se aperceber de que ela não o deixava entrar porque não estava ali.

Ou então encontrava-se na estação e preferia ter uma barreira entre os ouvidos dela e aquele *arroyo* à tirolês — um som que Simon esperava sinceramente viesse a desaparecer conforme Skippy crescesse.

<Simon!>

Simon olhou para o retrovisor lateral e viu Elliot Wolfgard, cônsul do Pátio e progenitor de Simon, à porta do consulado.

<Faz alguma coisa em relação àquele Lobo idiota. Estou ao telefone com o presidente Rogers e mal o consigo ouvir.>

Ao avistar Vlad a sair pela porta das traseiras da Ler e Uivar por Mais, Simon apeou-se do veículo e disse a Elliot: <Eu trato disto.>

<Porque é que a Meg não o deixa entrar?>, perguntou Vlad ao dirigir-se à Estação do Intermediário, servindo-se da forma de comunicação *terra indigene* em vez de gritar para se tentar fazer ouvir acima dos uivos.

<Ainda não são horas do horário da tarde>, adiantou Henry, juntando-se a Simon e a Vlad.

Skippy, que continuava a uivar para a porta fechada, nem sequer reparou neles.

<Mas ela já regressou à estação>, notou Vlad, com um tom sombrio. <Eu tinha vindo ver dela porque a Crystal Crowgard me ligou a perguntar se a Meg continuava perturbada.>

<Perturbada com o quê?>

<Não sei.>

Simon acercou-se da porta, assustando Skippy, que saltou com um ganido surpreendido e foi bater com a cabeça no joelho de Vlad. O vampiro praguejou e fez menção de agarrar o Lobo, que provou ainda não

estar pronto para caçar alguma coisa com cascos ou chifres ao tentar fugir por entre as pernas de Vlad.

Henry agarrou Skippy, soltou gentilmente o Lobo que se debatia para o pátio murado ao lado da Estação do Intermediário e depois fechou o portão de madeira. Uma vez que Skippy não era capaz de assumir outra forma e não conseguia manter o cérebro concentrado tempo suficiente para aprender a abrir portas, o jovem ficaria onde Henry o deixara.

Com um pouco de sorte, rapidamente se esqueceria onde estivera ainda há um minuto, bem como a razão para os uivos.

É claro que Skippy tinha a tendência de se lembrar das coisas nos momentos mais inconvenientes. Como naquele momento, por exemplo. Sentado atrás do portão, recomeçou a uivar a queixa de que Meg não o deixava entrar.

Simon abanou a cabeça e tentou abrir a porta das traseiras da estação. Trancada.

Aquela porta não devia ficar trancada quando Meg se encontrava na estação, para o caso de precisar de ajuda repentina. Como quando usava a navalha, por exemplo.

Com um rosnido, Simon procurou as chaves no bolso das calças de ganga, abriu a porta e apressou-se a entrar.

— Meg! — Simon virou-se para o som que se fazia ouvir na casa de banho. — Meg, o que... — Deteve-se e ficou a olhar.

Aquilo era uma novidade.

Deu um passo cauteloso na direção dela. Depois, intrigado, avançou mais um.

— Meg?

<Simon?>, chamou Vlad. <O que se passa?>

<Fiquem aí fora>, respondeu Simon.

Mesmo depois de Meg ter chegado ao Pátio, Simon continuara sem prestar grande atenção à aparência física dos seres humanos que trabalhavam para eles. Os humanos faziam o seu trabalho e ele não os comia. Isso era suficiente. Claro que nunca tinham tido uma profetisa de sangue a viver no Pátio, pelo que talvez aquilo fosse uma mudança sazonal normal.

Não, não era normal. Meg parecia perturbada, pelo que aquilo também deveria ser uma novidade para ela.

— Perdeste o cabelo antigo — comentou Simon. Bem, ela fizera

alguma coisa com a pelagem. Simon tinha a impressão de que aquela era uma das ocasiões em que um macho deveria manifestar um entusiasmo positivo, pesasse embora o que realmente sentisse — sobretudo por não saber o que se passava.

Felizmente, o que ele sentia era positivo — e estava curioso.

O bizarro cabelo laranja de Meg desaparecera, e o que cobria agora a cabeça da jovem era preto, espesso e tão curto que ficava de pé. Simon estendeu a mão, querendo confirmar se o cabelo era tão macio quanto aparentava.

— Parece pelagem de cria.

Antes que ele lhe pudesse afagar a cabeça atrás da orelha, Meg afastou-se com um safanão e gemeu: — Não quero parecer pelagem de cria!

— Porque não? As crias são giras.

A respiração de Meg tornou-se ofegante e ficou com uma expressão vidrada de pânico nos olhos que recordou a Simon um jovem bisonte que em tempos vira, quando era um Lobo adolescente a viver na Região Noroeste. O mamífero jovem desafiara um bisonte mais velho e sofrera uma pancada no crânio que lhe magoara o cérebro. Simon e os outros Lobos observaram-no a cambalear, incapaz de mudar de direção ou até de parar. O bisonte acabara por recuperar e seguira o resto da manada.

Se a alcateia não tivesse já matado nesse dia, aquele bisonte jovem seria uma presa fácil.

Quando se obrigava as crias de profetisa de sangue a ver demasiadas imagens novas, os seus cérebros bloqueavam como se tivessem sofrido uma pancada forte, como no caso do jovem bisonte. Durante a viagem de comboio de regresso a Lakeside, isso acontecera por várias vezes às meninas que ele trouxera do complexo.

Aquela, no entanto, era a primeira vez que via tal expressão de pânico nos olhos de Meg.

— Meg! — exclamou. O que poderia fazer? Como ajudá-la?

Da mesma forma que ajudara as raparigas durante a viagem de comboio. Ocultando o estranho. O que era novo assustava.

Simon correu para a sala de separação e começou a abrir as gavetas por baixo do balcão, rosnando enquanto revirava o conteúdo e pensava nas piores imprecações humanas de que se lembrava. Encontrou o gorro no fundo de uma gaveta. Pegou nele e voltou à sala dos fundos, enfiou o

gorro na cabeça de Meg e arrastou-a para a casa de banho, onde a posicionou à frente do espelho por cima do lavatório.

— Olha! — ordenou, agarrando-lhe os braços e abanando-a ao de leve. — Esta é a Meg, com o gorro que lhe comprámos para lhe aquecer a cabeça quando ela teve alta do hospital. Esta é a Meg, a Intermediária Humana do Pátio de Lakeside. Esta é a Meg, que é minha amiga, amiga do Sam, amiga do Vlad, amiga da Tess, amiga do Henry, amiga da Jenni. *Olha!*

Viu-lhe o pânico nos olhos a desvanecer-se, viu-a a absorver a imagem dos seus reflexos no espelho. Com o cabelo escondido, ela tinha o mesmo aspeto da véspera, salvo pelo penso no antebraço.

O que lhe enchia agora os olhos cinzentos era confusão, com um toque de medo.

— Simon...

Preocupado com ela e por ela, mas com mais gentileza, agora que voltara a soar à Meg normal, o Lobo encaminhou-a para a sala de separação.

<Simon?>, chamou Henry.

<Quero a Merri Lee aqui, *já*>, ordenou Simon. <Assim que eu perceber o que se passa com a Meg, quero uma reunião da Associação Comercial.>

<Com o Elliot também>, acrescentou Henry. <Ele tem coisas a contar-nos sobre a conversa com o presidente.>

<Primeiro quero resolver a questão da Meg.>

<Ela está bem?>

<Não está ferida, mas... Não sei. Pode ser uma coisa de rapariga.> Não fora isso que Meg dissera a Vlad? Que ia fazer uma coisa de raparigas como símbolo de um novo início?

Simon observou Meg quando esta se encostou à mesa de triagem, com um ar exausto. Esperava não lhe ter magoado os braços ao levá-la para a casa de banho, mas, se tivesse, não ficaria surpreendido quando Henry lhe desse um estalo — de preferência com uma mão humana, e não com uma pata de Pardo.

Merri Lee entrou a correr na sala de separação.

— Meg...? — Estacou de repente. — Senhor Wolfgard?

— Tira o gorro, Meg — indicou Simon. Merri Lee veria a nova pelagem de Meg, teceria um comentário casual e depois...

— *Uau!* Isso foi radical.

A respiração de Meg ficou entrecortada. Simon dirigiu-se a Merri Lee e rosou: — Não estás a ajudar!

— Pois, sinto muito, mas *foi* radical — tartamudeou Merri Lee. — Com o cabelo assim tão curto, é natural que a Meg precise de tempo para se adaptar ao novo visual.

— *Não estás a ajudar* — repetiu Simon, arreganhando os dentes.

Merri Lee, no entanto, não prestava atenção a Simon. Estava a observar Meg.

— Não estavas preparada para como ias ficar, pois não?

Meg abanou a cabeça.

— Quando chegaste ao Pátio, tinhas o cabelo curto. Não assim *tão* curto, mas era curto, pelo que devia ser aparado com regularidade. — Merri Lee continuou a observar Meg. — Mas não por uma cabeleireira, pois não?

— Não me lembro de me cortarem o cabelo — disse Meg. — Mas às vezes tinha sonhos estranhos, em que me faziam coisas. Os Nomes Ambulantes levavam-nos para uma sala, onde fazíamos um sono de manutenção. Quando acordava, não havia nada que parecesse diferente.

Simon mirava as duas jovens, sentindo-se inquieto. Merri Lee parecia disposta a morder alguém, pelo que Simon não sabia se teria de avançar e proteger Meg ou afastar-se e proteger-se a si.

— Desta vez viste cortarem-te o cabelo?

— Não. *Sentia-a* a usar o pente e a tesoura, mas não a *via*.

— Ah. — Merri Lee aquiesceu. — A cabeleireira tinha a cadeira virada, para que, quando acabasse, pudesse virá-la para o espelho e surpreender-te com o novo visual?

Meg assentiu.

— Acho que ela sabia que se passava alguma coisa, mas eu não podia ficar, não podia falar... Já não era *eu*.

Merri Lee suspirou.

— Quando fiz onze anos, a minha mãe decidiu que não gostava de me ver de cabelo comprido e levou-me à cabeleireira dela para mo cortar. Eu adorava ter cabelo comprido e não o queria cortar, mas não tive alternativa. Já tinham decidido entre elas que seria *curto*, pois era isso que a minha mãe queria. Então, a cabeleireira manteve a cadeira de costas para o espelho enquanto me cortava o cabelo. Quando

acabou, virou a cadeira e disse que estava muito gira, a minha mãe sorriu... — Fez uma pausa, ao que abanou a cabeça. — O que interessa é que não reconheci a menina que estava no espelho. Vi uma estranha e senti-me... distante.

— Sim — murmurou Meg.

Simon fitou-as.

— Sim? *Sim?* As tuas feições são as mesmas, o teu cheiro é o mesmo. Como podes não saber que és tu? Meg, *tu pintaste o cabelo de cor de laranja* e não ficaste perturbada. Pelo menos não desta maneira! — Simon rosnou quando lhe ocorreu qualquer coisa. — Ficaste perturbada mas ocultaste-nos isso?

Ao vê-la hesitar, o ronco intensificou-se. Não a podia ter aos tombos, qual bisonte de cérebro lesionado. Não agora. Nunca. A amiga dele, não.

— Tu. — Apontou para Merri Lee. — A partir de hoje trabalhas menos duas horas na livraria e no café.

Merri Lee empalideceu.

— Mas eu preciso dessas horas.

— Isso não é justo — queixou-se Meg, esforçando-se por se erguer, em vez de se manter apoiada à mesa. — Lá porque não gostaste do que ela disse...

— Eu não disse que ela vai trabalhar menos horas — cuspiu Simon. — Mas ela vai trabalhar aqui contigo, porque vocês as duas vão descobrir *ao certo* porque isto aconteceu, vão saber *ao certo* porque a Meg entrou em pânico, e o que fazer para que não volte a acontecer.

— Simon, eu fico bem... — ainda começou Meg a dizer.

— Isto não tem a ver só contigo — atalhou Simon. — As raparigas que trouxemos do complexo estão a ir-se abaixo, tal como aconteceu contigo agora, só que está a ter lugar com uma ou mais delas todos os dias. Os Intuits não sabem o que fazer para as ajudar. Os humanos que mais sabem acerca de profetisas de sangue não nos vão ajudar a conceder uma vida digna à *propriedade* deles fora das gaiolas. Sabes que isso não vai acontecer. A Jean chamou-te a precursora, a desbravadora.

Merri Lee pareceu sobressaltada.

— O que disse?

Simon mirou-a.

— Precursora. Desbravadora.

Merri Lee engoliu em seco e olhou para Meg.

— Foram duas das coisas que disseste na profecia. Bússola e caminho. Vanguarda. Eram algumas das coisas a que os *terra indigene* deviam ficar atentos.

— Vão descobrir aquilo de que as *cassandra sangue* precisam, e aquilo de que os humanos e os Outros precisam para as ajudarem a manter-se vivas — ordenou Simon.

— É suposto fazermos o quê? — bradou Meg. — Escrever as *Profetisas de Sangue para Palermas*?

— Sim! É exatamente isso que eu quero que façam. — Ao ver as expressões aturdidas das jovens, Simon interrogou-se se teria sido *demasiado* veemente. — Cheguem a uma conclusão e escrevam-na, para que possamos transmitir essa informação a todos os que tentem ajudar estas raparigas.

— Não sou escritora — protestou Merri Lee. — É verdade que sei tirar apontamentos, mas não sou capaz de escrever uma coisa dessas!

— A Ruthie vai ajudar com a parte da escrita. — Pronto. Problema resolvido. Ruthie era professora. Estava sempre a escrever frases.

— Já... já falou com o Vlad? — perguntou Merri Lee. — Ele já contou sobre a profecia desta manhã?

— Ainda não. — Simon olhou para as jovens e suavizou o tom de voz. — Percebe o que se passa, Meg. A Jean disse que és a única capaz de o fazer.

Simon saiu da estação, fechou a porta das traseiras e parou. Pura e simplesmente, parou. Não podia chamar os outros Lobos para o ajudarem a afastar aquele perigo da sua amiga. Esse perigo residia no interior dela, fazia parte dela — tal como o sangue onde nadavam as visões e as profecias, tal como a sua pele frágil.

Como poderia ele proteger Meg dela própria?

Tess surgiu à porta das traseiras do Trincadela. Seria mais fácil para ela usar a passagem interior entre os dois estabelecimentos para chegar à sala do primeiro andar, pelo que deveria ter saído para ir ao encontro dele.

<Vais à reunião?>, perguntou Tess, apontando para o primeiro andar da LUM.

<Vou.> Atravessou a área pavimentada atrás dos edifícios e subiram juntos para a reunião.

Simon não se arrependia de ter permanecido no Pátio para

acompanhar Meg, mas, naquele momento, gostaria de poder livrar-se dos problemas, bem como da pele humana.

Meg e Merri Lee entreolharam-se.

— Antes de tratarmos do resto... — Merri Lee gesticulou, indicando o cabelo de Meg. — Porquê tão curto?

— Fartei-me da maneira como os entregadores me olhavam para o cabelo. Fartei-me da maneira como os Outros me olhavam para o cabelo. Não era suposto ser *cor de laranja!* — bufou Meg. — Fui aos tosquiadores na Praça do Mercado. Ainda não conhecia a Corvo que lá estava a trabalhar. Ela *garantiu* que me cortava o cabelo para remover a parte laranja. Mas pensei que restasse mais!

Merri levou a mão ao cabelo preto escadeado.

— Demorei anos até encontrar uma cabeleireira em que pudesse confiar, por isso nunca fui ao salão na Praça do Mercado. Mas acho que as duas mulheres que lá trabalharam em part-time estavam a receber para ensinar alguns dos Outros a tosquiar, bem como a cortar cabelos. Será que essa Corvo estava a aprender a cortar cabelos antes de as mulheres se despedirem, ou será que está só a oferecer-se como voluntária para prestar o serviço e não faz a mais pequena ideia do que está a fazer?

— Quer dizer que temos uma Corvo com pouca formação a cortar o cabelo a toda a gente? — A voz de Meg foi subindo de tom. Imaginou um *cartoon* com um Corvo a cortar o cabelo de alguém, a tesoura a movimentar-se rapidamente, enquanto pedaços de cabelo voavam um pouco por todo o lado. A imagem era ridícula o suficiente para que ela se acalmasse.

— Não foi descuidado — recordou. — Eu não via o que estava a acontecer, mas os movimentos pareciam seguros, até mesmo premeditados. — O ligeiro repuxar do cabelo a ser levantado, o som da tesoura. Poderia a Corvo ter ficado tão absorta com o movimento, com o modo como a tesoura brilhante se abria e fechava, que não queria que a experiência acabasse?

— Bem — disse Merri Lee, daí a pouco. — Agora, o teu cabelo está completamente preto. Não há um fio laranja em lado nenhum. E vê as coisas pelo lado positivo: este verão vai ser mais fácil tratares do cabelo.

Meg passou uma mão hesitante pela cabeça. Diferente. Tudo seria diferente; todas as suas rotinas teriam de ser ajustadas.

— O que foi? — quis saber Merri Lee. — Tens a expressão de quem acabou de perceber qualquer coisa.

— Não tenho a certeza. Preciso de ir à casa de banho.

— Tens um bloco a mais? Mais logo vou ao Três P comprar um bloco para irmos fazendo os nossos apontamentos.

— Naquela gaveta. — Meg apontou. — Tenho um bloco suplente à medida da prancheta que uso para as entregas.

Entrou na casa de banho, mantendo os olhos fitos abaixo do nível do espelho. Observou as mãos, com a sua forma tão familiar. As cicatrizes familiares. Depois levou os dedos ao rosto e viu-se ao espelho. Pele clara, com um certo rosado nas faces. Olhos cinzentos. Cabelo, sobrancelhas, pestanas pretas.

Hoje é este o meu rosto. Este é o rosto que o Simon reconhece como sendo a Meg.

Baixou as mãos. Dessa vez não houve pânico.

Não se recordava de quaisquer imagens de formação sobre alguém a ficar surpreendido por ter um corte de cabelo novo. Tinha agora a imagem do seu próprio rosto no espelho, chocado e de todo preparado para a alteração física. E tinha a narrativa de Merri Lee sobre uma ação semelhante que abalara a sensação de identidade de alguém.

Ao sair da casa de banho, Meg olhou para a geleira por baixo do balcão e lembrou-se de que ainda não almoçara. Se Merri Lee também não tivesse comido, talvez pudessem ligar para a Massa Quente e encomendar uma piza. Uma piza era comida reconfortante, não era?

Cruzou a soleira da porta, olhou em volta e imobilizou-se.

— Não. — Correu para o leitor de CD em cima do balcão, empurrando Merri Lee para o lado, e mudou a pilha dos CD do lado esquerdo para o lado direito do aparelho.

Merri Lee deu um passo atrás.

— Pelos deuses em cima e em baixo, Meg! O que se passa contigo?

Meg assentou as mãos em cima do monte de CD.

— Não podes mudá-los de sítio.

— Só estava a arranjar espaço no balcão!

— *Não podes alterar as coisas constantes!* — gritou Meg.

Merri Lee fitou-a por alguns momentos. Depois avançou e pousou a mão sobre as de Meg.

— Acalma-te. Os CD já estão outra vez no lugar deles. Respira, Meg. Respira.

Respirar. Era capaz de respirar. Era simples. Rotineiro.

— Ficas bem se eu for buscar água para nós à sala dos fundos? — perguntou Merri Lee.

Meg assentiu.

Merri Lee saiu a correr da sala, após o que voltou rapidamente com uma garrafa de água e dois copos. Depois de servir a água, ofereceu um copo a Meg. Beberam, evitando o contacto visual, mantendo-se em silêncio.

— Pronto — disse Merri Lee. — Parece que estás na altura de fazer umas perguntas. Já cá estás há quatro meses e meio. As coisas nesta estação mudam todos os dias e ainda não te tinhas descontrolado. Foi o corte de cabelo que o provocou? A gota de água? Como é que sobreviveste, se não suportas que as coisas se alterem? *Como* é que sobrevives? Temos de perceber isto.

— O dia tem sido complicado — queixou-se Meg debilmente.

— Pois, um dia complicado e o choque do corte de cabelo. Uma sobrecarga emocional. Eu compreendo isso, Meg. A sério. Tal como compreendo o que é sentir uma sobrecarga de informação, chegar ao ponto em que já não somos capazes de apreender mais nada. Até compreendo que sejas um bocadinho obsessiva-compulsiva com as tuas coisas. Mas tu empurraste-me e gritaste comigo. E acho que isso é melhor do que um colapso, pois assim, pelo menos, continuas a interagir comigo. E é isso que temos de perceber. Já fizeste tanta coisa, já aconteceu tanto contigo nos últimos meses e hoje — *hoje* — chegaste ao limite. Mas o Simon disse que as outras raparigas estão a colapsar todos os dias, e saíram do complexo há menos de um mês. Então e outras meninas que queiram sair, que queiram viver no exterior e se deparem com o esforço para aguentar?

— Não sei como ajudá-las. — Os olhos de Meg ficaram marejados de lágrimas.

— Sabes, sim, mas tudo o que tens feito contigo tem sido instintivo. Agora, Meg, *a Desbravadora*, tem de perceber o que fez para o podermos ensinar às outras raparigas.

Meg limpou as lágrimas e bebeu mais um gole de água.

— As coisas constantes não podem ser alteradas — incitou Merri Lee. — O que é que faz com que alguma coisa seja uma coisa constante? — Observou a pilha dos CD. — Sempre cinco? Mas não os mesmos cinco? E sempre do lado direito do leitor de CD?

— Sim. — Meg olhou à volta da sala. — Estou sempre à espera que as coisas se alterem na sala de separação, pois é isso que acontece aqui. É essa a função deste espaço. As *coisas* entram e saem, mas a *sala* mantém-se estável. A mesa está sempre no mesmo sítio. O telefone também, e o leitor de CD. Os compartimentos na parede do fundo também não se mexem.

— Então e quando estás em casa?

— Tenho uma rotina. Sigo a rotina, tal como sigo as estradas no Pátio quando faço entregas.

— E quando a rotina é interrompida? Como, por exemplo, quando a nossa aula de Mente Calma foi cancelada?

— Sinto-me... inquieta... até decidir o que fazer em vez disso.

— Constância por oposição a mudança. Tolerância limitada para alterações à constância. E stresse quando as rotinas são interrompidas.

Meg invocou imagens de expressões e decidiu que *medo* era o que mais se aproximava do que via no rosto de Merri.

— Sabes qualquer coisa.

— Ainda não *sei* nada. Precisamos da autorização do senhor Wolfgard para fazermos algumas experiências antes de me sentir confortável para dizer a alguém aquilo em que estou a pensar. Claro que se estiver certa quanto ao motivo por que as profetisas de sangue na Ilha Grande estão a ter colapsos, todas as *cassandra sangue* que saíram do cativeiro correm graves riscos.